

“Ah, que bela manhã de Primavera!”¹

Dedicado às pessoas da Madragoa

Celso Antão

Agente de Prevenção Local, Junta de Freguesia de Santos-o-Velho

Mónica Dias

Antropóloga, Junta de Freguesia de Santos-o-Velho

A Comissão Social de Freguesia de Santos-o-Velho (CSFSov), estrutura de parceria local visando o combate à pobreza e à exclusão social, está formalmente constituída desde Setembro de 2007 e integra, até ao momento, 48 parceiros (entidades públicas e privadas com intervenção na freguesia). No âmbito do seu plano de acção para 2009, a CSFSov, por sugestão da Fundação Portuguesa das Comunicações/Museu das Comunicações, associou-se à comemoração do Dia Internacional dos Museus, nesse ano dedicado ao tema “Os Museus e o Turismo”, e desenvolveu o projecto “Do Museu ao Bairro da Madragoa”, no qual estiveram particularmente envolvidos os residentes da Madragoa, através da cedência de objectos e testemunhos sobre as suas inesquecíveis viagens. Constituíram iniciativas resultantes deste projecto: uma exposição dos referidos objectos, um filme das memórias de viagens dos residentes intitulado *Do Museu ao Bairro: Histórias de Viajantes* e ainda a organização de visitas guiadas à Madragoa, com breves encenações da vida quotidiana do bairro. As visitas guiadas realizam-se no último Sábado de cada mês, no período da manhã. O projecto é desenvolvido com o contributo de diferentes parceiros da CSFSov: Teatro A Barraca, Câmara Municipal de Lisboa/Unidade de Projecto de São Bento e Madragoa, Centro InterculturaCidade, Etnia, ETIC – Escola Técnica de Comunicação e Imagem, Fundação Portuguesa das Comunicações/Museu das

Comunicações, Junta de Freguesia de Santos-o-Velho, Museu da Água e Museu da Marioneta.

O projecto “Do Museu ao Bairro da Madragoa” privilegia não só o tecido edificado mas também o conteúdo histórico, social e cultural do bairro. Trata-se de um projecto que trabalha a inclusão social através de processos de participação colectiva e animação sociocultural, e que incentiva o desenvolvimento endógeno das potencialidades do bairro e das pessoas. Nesta “viagem” pela Madragoa dá-se o encontro entre o *eu* e o *outro*, do qual brota uma participação genuína e espontânea, geradora de relações. A “viagem” não se faz só por ruas e conventos, faz-se no interior de cada um, no reviver das suas histórias de vida, das suas memórias, das suas vivências. É precisamente aqui que acreditamos estar a acontecer um processo de valorização pessoal e comunitária, que se traduz no reforço da auto-estima e da identidade.

O património (material e imaterial) é acolhido e valorizado pelos que vêm de fora (os visitantes), o que reverte no reforço do sentimento de pertença e valorização do que é de dentro. Assiste-se a uma reemergência de locais, de histórias, de vivências. Recuperam-se e valorizam-se elementos etnográficos da identidade local: a canastra, o avental da varina, a rede, a bilha, o lavadouro, a taberna, os pregões. Neste sentido, o impacto sociocultural do projecto na comunidade dá-se ao nível pessoal/individual, expresso de diferentes formas,



e ao nível colectivo. A Madragoa não está mais condenada à desvalorização e ao esquecimento no contexto da cidade. O projecto “Do Museu ao Bairro da Madragoa” devolveu-lhe o valor enquanto lugar identitário, relacional e histórico. Um bairro antigo vestido de novo pois tem convidados nas suas ruas e suas raízes nos saberes e nas vivências do Povo. Por tudo de bom, bonito e enriquecedor, o melhor é fazer uma visita. Participar, partilhar a vida da Madragoa e sentir o pulsar de uma alma bairrista. Venha daí...

“Cheira a goivos, a sol, a vida nova!”¹ (Notas soltas com Abraços apertados)

“Entramos agora no Largo da Esperança, antigo sítio do Cruzeiro da Esperança, um dos de mais renome de quantos teve Lisboa... Dilecto, podes observar o mais belo chafariz de tóda a Lisboa, pela sua graça e harmonia que não pela sua grandeza... São graciosas as três carrancas em bronze, correspondentes a outras tantas bicas; todo o conjunto, onde avulta o escudo de João V, mutilado na corôa, é feliz... O Chafariz da Esperança é hoje um ornamento, meramente representativo, secou” (ARAÚJO 1939, p. 23).

Era uma vez um chafariz, que mesmo seco fazia brotar histórias e poemas que eram como águas puras e cristalinas, bálsamos contra o esquecimento que atingia os monumentos e as pessoas...

Uma parceria, acima de tudo, exige reflexões e construções sinceras, humanizadas, com pessoas dentro. Museus, juntas de freguesia, teatros, associações, escolas, poderão e deverão ser estruturas que recebem na rua como quem recebe na sua casa: com gentileza e com alegria. Nesse sentido, “Do Museu ao Bairro” não se satisfaz com receptores passivos de actividades, facilita sim o aparecimento de criadores activos. A vertente museológica vai ligar-se a uma vertente antropológica/etnográfica; acrescenta-se aos quadros da parede um enorme quadro humano, dinâmico, que na rua intervém, marcha, dança, fala, interroga, interpela, sorri, toca, conta e canta. Personagens-metáforas de rostos quotidianos que saem das traseiras da cidade para o palco principal.

Relação com objectos e relação entre as pessoas. Fazer a ponte entre um trabalho social da dúvida e um ensaio sobre a dádiva. Dar a Madragoa aos visitantes num dar-se aos visitantes da Madragoa. Abrir um bairro como quem abre o coração.



Neste projecto, a oralidade e a informalidade são ferramentas socioculturais, procura-se apresentar um bairro no apregoar de um bairro. Varinas levam Lisboa e generosidade na canastra e fazem o milagre dos peixes para rios de visitantes que num lavadouro público descobrem espantados e nostálgicos o mar. O tempo histórico abre-se ao tempo do vivido. Histórias da história e histórias da memória. Individual e colectiva. Gritar a *Fava Rica* para espantar a Pobreza. Fome e alma cheia. Pé descalço e sangue na guelra. Pedras da calçada e pérolas na calçada. Da mágoa fazer água. Descobrir na dureza da vida a melodia da vida.

Ó viva da costa! O importante deste projecto talvez seja quem fala e o quê. Questionar e transcender a preponderância dos discursos institucionais com discursos da(s) gente(s). Representar a própria vida ou de um *outro* que sou *eu*. Actores locais e sociais emancipados que transformam espaços de passagem em espaços de participação. Nestas lembranças do passado escutam-se as "saudades do Futuro" de que falava Teixeira de Pascoaes. Pois há uma Madragoa que se visita de manhã na esperança de que um amanhã visite a Madragoa.

Amanhã anda à roda! Olha a Sorte grande!

A CSF elaborou o projecto mas a comunidade insuflou-lhe pertença. **A Madragoa já é Liiinda!!! Só lhe falta ser imensa.**

Nota

(1) "Ah, que bela manhã de Primavera!" é um poema de Fernanda de Castro.

Bibliografia

- AUGÉ, Marc, *Não Lugares*, Lisboa, 2005.
ARAÚJO, Norberto de – *Peregrinações em Lisboa*, livro 7, Lisboa, 1939.
CARVALHO, José Silva, *Madragoa, Sons e Arquitecturas*, Lisboa, 1997.
MOREIRA, Carlos Diogo, *Identidade e Diferença*, Lisboa, 1996.

